

Visões do 11 de setembro em Don DeLillo

Giséle Manganelli Fernandes

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MOTTA, SV., and BUSATO, S., orgs. *Fragmentos do contemporâneo: leituras* [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 172 p. ISBN 978-85-7983-005-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

6

VISÕES DO 11 DE SETEMBRO EM DON DELILLO

*Gisèle Manganelli Fernandes**

Os acontecimentos de 11 de setembro de 2001 contribuíram para evidenciar as incertezas do mundo contemporâneo. A partir daquele dia, uma nova história começou a ser escrita e o debate sobre o poder do terror se intensificou. Muitas questões foram levantadas com o objetivo de diagnosticar possíveis causas para tamanha tragédia. E, indubitavelmente, a ficção pós-moderna que se baseia em fatos históricos apresenta-se como um instrumento valioso para o cumprimento dessa tarefa, ao oferecer-nos uma oportunidade ímpar para discutirmos novas abordagens acerca do passado, sob diferentes ângulos, contribuindo para uma reavaliação da história.

A teórica Linda Hutcheon (1988, p.109) observa que não há uma verdade, mas “verdades” no plural e apresenta seu conceito de “metaficção historiográfica” (Hutcheon, 1988, 1993) para referir-se a obras que revisitam o passado de maneira crítica, subvertendo os arquivos e mostrando que não é possível haver apenas uma única “verdade” de uma forma total, fechada, completa. Esses textos per-

* Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo (USP). Professora-adjunta da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp).

mitem aos leitores repensarem um determinado período ou fato histórico de modo plural, com múltiplas perspectivas.

Este trabalho analisa o romance *Falling Man*, publicado em 2007, de autoria de um dos mais importantes escritores da literatura norteamericana na atualidade, Don DeLillo, que tem abordado o terror em sua produção desde a década de 1970, em textos como o conto *The uniforms* (1970), os romances *Players* (1977), *The names* (1989) e *Mao II* (1991) e o texto “In the ruins of the future: reflections on terror and loss in the shadow of September” (2001). Portanto, DeLillo tem um longo projeto de abordar esse tema em seus escritos.

Podemos afirmar que os romances de DeLillo abordam temas relevantes para a sociedade pós-moderna, pois focalizam aspectos tais como o consumo desenfreado, o poder da mídia e das imagens, e questões relativas ao meio ambiente. Outra característica de sua produção literária é a revisão da história. Em *Libra*, romance publicado em 1988, DeLillo apresenta outra perspectiva para o assassinato do presidente Kennedy, rejeitando a versão oficial do atirador solitário, conforme estabeleceu a Comissão Warren. Em *Underworld*, de 1997, o autor revê cinquenta anos da história americana, focalizando especialmente a guerra fria.

Em *Falling Man*, o autor apresenta reflexões sobre a tragédia do 11 de setembro, e uma personagem torna-se fundamental para cumprir este objetivo: o Homem em Queda, cujo papel é apresentado no seguinte trecho do romance:

He'd appeared several times in the last week, unannounced, in various parts of the city, suspended from one or another structure, always upside down, wearing a suit, a tie and dress shoes. He brought back, of course, those stark moments in the burning towers when people fell or were forced into jump. (DeLillo, 2007, p.33)

O Homem em Queda, portanto, é uma referência aos que, em desespero, pularam das janelas do World Trade Center (WTC).

DeLillo inicia seu romance com a cena de um homem deixando o World Trade Center e descreve toda a confusão que o ataque re-

presentou. O narrador anuncia que *“It was not a street anymore but a world, a time and space of falling ash and near night. He was walking north through rubble and mud and there were people running past holding towels to their faces or jackets over their heads”* (p.3).¹ O homem que saía com vida do WTC é identificado apenas como *“he (ele)”* no primeiro parágrafo do livro. O pronome *“he”*, sem definição de nome, utilizado de forma estratégica pelo autor, refere-se à situação de qualquer ser humano vitimado pela tragédia naquele momento, enfrentando uma realidade de pessoas que *“ran and fell, some of them, confused and ungainly, with debris coming down around them, and there were people taking shelter under cars”* (p.3).

Dessa forma, vemos que no primeiro parágrafo da obra há uma descrição das cenas da catástrofe de maneira a colocar os leitores diante do fato histórico que será debatido ao longo do texto.

O narrador aponta ainda que

This was the world now. Smoke and ash came rolling down streets and turning corners, busting around corners, seismic tides of smoke, with office paper flashing past, standard sheets with cutting edge, skimming, whipping past, otherworldly things in the morning pall. (p.3)

Aquele era o mundo, um mundo de violência incompreensível, com um cenário horrível. Essa afirmação representa o início de uma nova era, e tornava-se crucial entender as razões pelas quais os ataques tinham acontecido.

As impressões que o *“ele”* tinha eram as de que o mundo poderia ser compreendido agora como aquela nuvem de fumaça sem fim, de cinzas, um universo sem luz. Aquele era um momento de tentativa de sobreviver ao caos que havia se instalado e de também de perceber que uma nova história estava sendo escrita por meio do terror. DeLillo já havia afirmado em *Mao II* que a narrativa estava nas mãos dos terroristas e mostra que isso novamente acontecera.

1 Doravante, as referências à obra em estudo serão feitas pelo número da página da edição em estudo.

A personagem continua sua caminhada naquele estado completo de vidas terminadas e prédios destruídos: “*The world was this as well, figures in windows a thousand feet up, dropping into free space, and the stink of fuel fire, and the steady rip of sirens in the air*” (p.4).

Pessoas atiravam-se das janelas e apenas vultos eram vistos em queda livre em direção à morte.

E “ele”, enquanto andava atônito, “*heard the sound of the second fall, or felt it in the trumbling air, the north tower coming down, a soft awe of voices in the distance. That was him coming down, the north tower*” (p.5).

A sensação que todos ali tinham era a de o mundo estar acabando. Muitas vidas desabavam juntamente com os prédios destruídos. Cada papel que caía dos escritórios tinha uma história: contratos, aplicações, currículos, investimentos não apenas de dinheiro, mas também de tempo e, não poucas vezes, de esperança. Tudo ruía junto com as torres.

Conforme já mencionado, o leitor só vai tomar conhecimento de quem é esse “ele” algumas páginas à frente, quando descobre que se trata de Keith, a personagem principal do romance. Keith havia se separado da mulher, Lianne, a cuja casa ele se dirige depois da catástrofe. Keith tinha seu jogo de pôquer e Lianne tinha um grupo de sessões de relatos de histórias, criado por um psicólogo clínico, para pacientes nos primeiros estágios de Alzheimer. As sessões “*were strictly for morale*” (p.29) e tornaram-se mais intensas depois dos atentados: “*Members wrote about hard times, happy memories*” (p.31). Após o 11 de setembro, “*There was one subject the members wanted to write about, insistently, [...]. They wanted to write about the planes*” (p.31).

DeLillo mostra que as pessoas tentavam, de alguma maneira, superar o trauma. Ninguém conseguia entender o porquê do acontecido. Havia a necessidade de buscar razões para os terroristas terem planejado aquela tragédia.

Um dos questionamentos mais enfáticos estava relacionado à situação de vulnerabilidade que os Estados Unidos mostraram ao sofrerem os atentados terroristas. Uma nação que gasta milhões de

dólares em segurança não poderia ter recebido um ataque surpresa daquela forma.

Robert N. Bellah aponta que quando o então presidente George W. Bush, em uma entrevista coletiva após o 11 de setembro, foi questionado por um repórter, “*Why do they hate us?*”, ele respondeu que não podia realmente compreender aquilo e acrescentou, “*because we’re so good*” (in Hauerwas & Lentricchia, 2003, p.19). Porém, Bellah destaca atos de violência que marcaram a história dos Estados Unidos.

Nesse sentido também escreve Gore Vidal (2003, p.159), ao apresentar-nos uma forma para interpretar os motivos que levaram os terroristas àquela ação: “Nossos governos atraíram isso para nós através de suas ações pelo mundo inteiro [...] Os americanos não fazem idéia da extensão da maldade dos seus governos”. Vidal afirma que o povo americano não merece o que aconteceu, mas merece “os tipos de governos” que tiveram “nos últimos quarenta anos” (ibidem). Portanto, para o autor americano, a questão central do problema pode estar na forma de condução da política externa americana nas últimas quatro décadas.

No dia dos atentados terroristas, houve pessoas que, ao verem as imagens pela televisão, não acreditavam na realidade daquele fato, pensando que se tratava de um filme. Aquela tragédia estava além da imaginação de qualquer pessoa comum. Os terroristas também souberam tirar vantagem do poder que as imagens têm sobre as pessoas, especialmente as de tragédias, que são repetidas muitas vezes, a fim de mostrarem o seu poder. Jean Baudrillard aponta como o ato dos terroristas foi além do real:

The terrorist violence is neither a reality backlash nor a history backlash. Not only is it terrifying, but what is more it is not “real,” since it is worse than real in a certain way: it is symbolic. Violence in itself can be perfectly banal and inoffensive. Only symbolic violence can generate singularity. In the singularity of this event, in this Manhattan catastrophe film, the two elements of mass fascination of the twentieth century are fused to the highest degree: the white magic of cinema and the black magic of terrorism; the

white light of the image and the black light of terrorism. (in Hauerwas & Lentricchia, 2003, p.159)

Ora, o 11 de setembro colocou em contraste dois mundos e DeLillo traz à baila esse problema. Os terroristas destruíram símbolos do capitalismo, as torres gêmeas do World Trade Center, e também atingiram um importante símbolo militar, o Pentágono. Os ataques transcendem a realidade e simbolizam, em essência, a luta pelo poder.

No romance, a personagem Nina, a mãe de Lianne, tinha um namorado, Martin. Por algumas de suas atitudes, pode-se pensar que Martin tinha conexões com terroristas, mas isso não é claro na obra. Em um diálogo, ele aponta a oposição entre os mundos que se encontraram naquele dia:

One side has the capital, the labor, the technology, the armies, the agencies, the cities, the laws, the police and the prisons. The other side has a few men willing to die. [...] These are matters of history. This is politics and economics. They use the language of religion, okay, but this is not what drives them. (p.46-7)

A narrativa intercala o momento da tragédia com outros acontecimentos e vem mostrando o mundo da América até iniciar o relato sobre o dos terroristas e colocar em oposição o “Nós/Eles”, que já havia se configurado de outras formas no passado, como com os comunistas e agora se volta para os terroristas, estudantes de arquitetura e engenharia, ainda no apartamento da *Marienstrasse*.

A narrativa das cenas acontece de forma fragmentada, remetendo à linguagem cinematográfica americana, exigindo do leitor determinação para estabelecer as conexões entre as partes.

O narrador introduz a personagem Hammad, que “*was a rifleman in the Shatt al Arab, fifteen years ago. [...] He was a soldier in Saddam’s army and they were the martyrs of the Ayatollah, here to fall and die*” (p.77).

Os terroristas não tinham outro objetivo a não ser o de “tombar e morrer” por uma causa que talvez nem conseguissem explicar, mas

eles não iriam desistir de seu principal objetivo, pois “*The world changes first in the mind of the man who wants to change it. The time is coming, our truth, our shame, and each man becomes the other, and the other still another, and there is no separation*” (p.80).

Aparece, então, a figura de Amir, isto é, Mohamed el-Amir el-Sayed Atta (que fez na vida real doutorado na Alemanha), o líder, o mais inteligente do grupo. Ele falava aos outros do grupo que “*Islam is the struggle against the enemy, near enemy and far, Jews first, for all things unjust and hateful, and then the Americans*” (p.80).

No apartamento da *Marienstrasse*, os terroristas “*looked at videos of jihad in other countries and Hammad told them about the boy soldiers running in the mud, the mine jumpers, wearing keys to paradise around their necks*” (p.80).

O narrador mostra as atitudes desses terroristas, com todos os passos bem definidos, como deixando a barba crescer, depois apará-la, e o momento de não ter mais contato com os pais. Os detalhes de seus comportamentos estavam programados até o dia dos ataques.

A rotina dos terroristas em solo americano é feita de tal forma para não chamar a atenção das pessoas que os vissem. DeLillo realiza um trabalho muito refinado para mostrar como viviam esses homens que estavam nos Estados Unidos “*to kill Americans*” (p.171):

He had his Visa card, his frequent-flyer number. He had the use of the Mitsubishi. He'd lost twenty-two kilos and converted this to pounds, multiplying by 2.2046. [...] Amir turned down an offer of free cable TV. (p.171)

Conquanto estivessem nos Estados Unidos, os terroristas não se deixavam influenciar pelos valores da América, eles não podiam se envolver profundamente com a cultura do Ocidente. Nada e ninguém os demoveria dos planos de matar por meio do sequestro dos aviões. O curso de pilotagem mostra que nem todos eram tão bons no aprendizado. Eles possuíam *software* de simulação de voos, com os quais jogavam no computador. Eles também conseguiram burlar os sistemas de segurança para não serem descobertos:

His [Hammad's] flight training was not going well. He sat rocking in the simulator and tried to match responses to conditions. The others, most of them, did better. There was always Amir of course. Amir flew small planes and logged extra hours in Boeing 767 simulators. He paid in cash at times, using money wired from Dubai. They thought the state would read their coded e-mails. The state would check out airline databases and all transactions involving certain sums of money. Amir did not concede this. He received certain sums of money wired to a Florida bank in his name, first and last, Mohamed Atta, because he was basically nobody from nowhere. (p.171-2)

DeLillo aponta como o fato de conseguirem ser “ninguém de lugar nenhum” facilitou a vida dos terroristas, que passaram despercebidos por todos os esquemas de segurança existentes, até se tornarem praticamente “invisíveis”: “*Hammad pushed a cart through the supermarket. He was invisible to those people and they were becoming invisible to him*” (p.171). Não havia nenhuma conexão entre ele e as outras pessoas que ele via ou conversava na América.

No conceito de Hammad, o contraste entre os dois mundos postos em contato resumia-se no fato de o seu grupo amar a morte: “*We are willing to die, they are not. This is our strength, to love death, to feel the claim of armed martyrdom*” (p.178).

O pensamento desse grupo era norteado pelo seguinte aspecto:

We die once.

We die once, big-time. (p.177)

A morte “em grande estilo” era o objetivo dos terroristas, não importando causar a morte de seres inocentes. DeLillo, em sua obra, aborda o fato de as vidas de outras pessoas serem totalmente irrelevantes para o grupo, na passagem em que Hammad pensa a respeito dos outros cujas mortes eles também causariam. Quando Hammad questiona-se sobre esse assunto e formula a pergunta a Amir (Mohamed Atta), ele obtém a seguinte resposta:

Amir said simply there are no others. The others exist only to the degree that they feel the role we have designed for them. This is their function as others. Those who will die have no claim to their lives outside the useful fact of their dying.

Hammad was impressed by this. It sounded like philosophy. (p.176)

Os objetivos dos terroristas estavam acima de qualquer outro valor ou forma de respeito ao semelhante. Os outros simplesmente existiam para cumprir a função que os agentes do terror lhes determinaram. Por sua vez, os terroristas deveriam cumprir suas metas, utilizando o nome de Deus para justificarem suas ações.

Para Denis Rosenfield, não há nenhuma justificativa aceitável para atos que exterminem pessoas inocentes:

Quando os aviões foram arremessados contra as torres gêmeas, a realidade superou a ficção. [...] O fanatismo, na verdade, não precisa de nomes. Basta a sua causa, de tipo religioso, e qualquer motivo ocasional, como o conflito do Oriente Médio. Apresentar a disputa palestino-israelense como razão para tal ação é nada mais do que um subterfúgio para justificar o injustificável: a eliminação de milhares de civis, de pessoas comuns em seus lugares de trabalho, a exterminação pura e simples de inocentes. Não há causas que justifiquem tais atos. Trata-se da barbárie que irrompe sob formas do fundamentalismo religioso. (Rosenfield & Mattéi, 2002, p.30)

Nesse sentido, o romance apresenta questionamentos acerca de Deus, como Ele poderia ter permitido que aquela tragédia ocorresse. Em um diálogo entre o casal Florence e Keith, há um debate sobre a crença em Deus:

“Those men who did this thing. They’re anti everything we stand for. But they believe in God,” she said.

“Whose God? Which God? I don’t even know what it means, to believe in God. I never think about it.” (p.90)

Essa passagem remete-nos a um outro romance de DeLillo, *White Noise*, publicado em 1985, em que ao autor, por meio de um diálogo

entre a personagem principal Jack Gladney e uma freira, coloca em xeque dogmas do cristianismo.

Em *Falling Man*, Nina e Martin travam um diálogo em que mencionam o papel de Deus na atitude dos terroristas:

“But we can’t forget God. They invoke God constantly. This is their oldest source, their oldest word. [...]”

“If you call it God, then it’s God. God is whatever God allows.”

“Don’t you realize how bizarre that is? Don’t you see what you’re denying? You’re denying all human grievance against others, every force of history that places people in conflict.”

“We’re talking about these people, here and now. It’s a misplaced grievance. It’s a viral infection. A virus reproduces itself outside history.

He sat lunched and peering, leaning toward her now.

“First they kill you, then you try to understand them. Maybe, eventually, you’ll learn their names. But they have to kill you first.”

(p.112-13).

Os ataques, portanto, não estão apenas relacionados ao martírio a que os terroristas se submeterão em nome de Deus, na luta contra os “infiéis”, mas também a uma sede pelo poder que domina os homens historicamente. E tudo pode ser feito em nome de Deus, mesmo a morte de inocentes.

A conexão entre os terroristas estava na trama, em seu destino, na crença que os movia para a morte: *“Plot drew them together more tightly than ever. [...] There was the claim of fate, that they were born to this. There was the claim of being chosen, out there, in the wind and sky of Islam”* (p.174). Suas rotinas baseavam-se em rezar e dormir, rezar e comer (p.176). Hammad vai ao barbeiro e pensa na única narrativa que precisava conhecer, a do plano dos ataques até o momento final: *“He is thinking again, looking past the face in the mirror, which is not his, and waiting for the day to come, clear skies, light winds, when there is nothing left to think about”* (p.178).

No aspecto religioso, cabe destacar a importância da liberdade de religião que caracteriza os Estados Unidos. Conforme afirma Alessandro Shimabukuro, “A pluralidade religiosa sempre foi acla-

mada como uma das grandes virtudes e pilares da democracia americana, e o Islã, em anos recentes, tornava-se cada vez mais uma religião importante no cenário americano” (in Silva, 2009, p.173). Ainda segundo Shimabukuro, após o 11 de setembro, aconteceram casos de intolerância em relação a árabes e muçulmanos nos Estados Unidos, mas também “houve inúmeros atos de simpatia, solidariedade e amizade” (ibidem, p.165). O então presidente George W. Bush também “buscou desvincular o Islã dos terroristas responsáveis pelos ataques” quando visitou um centro islâmico em Washington, no dia 17 de setembro de 2001 (ibidem, p.165).

Após o 11 de setembro, tornava-se crucial diferenciar os extremistas dos que praticavam sua fé em paz. Porém, George Yúdice (2004, p.464) salienta que enquanto a administração Bush “elogiava os árabes e muçulmanos americanos e repudiava os ataques contra eles, orquestrava concomitantemente uma caça às bruxas velada e racista desses mesmos residentes. Inclusive um dos guarda-costas de Bush, um árabe-americano, foi detido num aeroporto (*The New York Times*, 2001)”.

Diante de situação tão difícil, o governo americano deflagrou a chamada “*war on terror*” e invadir o Afeganistão e o Iraque, gastando bilhões de dólares nessas ações e causando muitas mortes de soldados e de civis. Essa “guerra ao terror” tem sido considerada, muitas vezes, como inútil e sem fim.

A personagem do *Falling Man*, cujo nome era David Janiak, morre aos 39 anos, “*apparently of natural causes*” (p.220). Lianne busca na internet informações sobre a biografia do artista performático e lê sobre uma possível conexão entre a posição realizada pela personagem para mostrar a queda e uma foto que havia sido publicada de um homem se atirando da torre norte. O romance traz essa perspectiva para os leitores poderem ter em mente o desespero e o horror dos acontecimentos daquele fatídico dia:

Was this position intended to reflect the body posture of a particular man who was photographed falling from the north tower of the World, headfirst, arms at his sides, one leg bent, a man set forever in

the free fall against the looming background of the column panels in the tower? [...]

The man falling, the towers contiguous, she thought, behind him.
(p.221)

Esta é a imagem lembrada e descrita por Lianne:



AP Photo/Richard Drew/FILE

Não há como desvincular uma imagem tão forte de um suicídio cometido diante do imponderável daquela situação da do artista que insistia em tornar o fato sempre presente. O enfrentamento do inimaginável levou pessoas a um ato de incalculável aflição.

Além de todo o terror jamais pensado, há outro fator imponderável no livro: o jogo de pôquer de Keith, em que se aposta a sorte e não se tem nenhuma garantia de sucesso. Seu futuro profissional também estava incerto, assim como de muitos outros que perderam seus empregos com a destruição dos prédios. Curiosamente, Keith

poderá ter uma chance de trabalho com investidores brasileiros, como ele revela para Florence, quando eles estão juntos ouvindo música com vozes cantando em português:

“I’ve never been to Brazil,” she said. “A place I think about sometimes.”

“I’m talking to somebody. Very early in the talks. About a job involving Brazilian investors. I may need some Portuguese.”

“We all need some Portuguese. We all need to go to Brazil.” (p.93)

Logo à frente na narrativa, a possibilidade de emprego com os brasileiros é mencionada novamente: *“There was a job offer he’d probably accept, drafting contracts of sale on behalf of Brazilian investors who were engaged in real-state transactions in New York...”*. Talvez esse seria o futuro de Keith, mas tratava-se de algo *“completely wind-assisted”* (p.104), sem nenhum porto seguro, assim como todas as vidas dos sobreviventes e das famílias das vítimas. Keith havia deixado de fazer a barba por um tempo, *“whatever that means”* (p.67), se é que havia algum significado nessa atitude. Portanto, a narrativa traz um rol de incertezas que se instalou depois do 11 de setembro.

O último capítulo (“In the Hudson corridor”) do romance traz o avião dominado pelos terroristas e Hammad com seus pensamentos sobre aquela situação: *“Every sin of your life is forgiven in the seconds to come. There is nothing between you and eternal life in the seconds to come”* (p.239).

O fascinante na narrativa é o exato momento em que as vidas de Keith e de Hammad se mesclam para sempre.

A passagem apresenta as cenas no avião em que está Hammad e na torre em que se encontra Keith:

He heard sounds from somewhere in the cabin. [...] He heard voices, excited cries from the cabin or the cockpit, he wasn’t sure. Something fell off the counter in the galley.

He fastened his seatbelt.

A bottle fell off the counter in the galley, on the other side of the aisle, and he watched it roll this way and that, a water bottle, empty, making an

arc one way and rolling back the other, and he watched it spin more quickly and then skitter across the floor an instant before the aircraft struck the tower, heat, then fuel, then fire, and a blast wave passed through the structure that sent Keith Neudecker out of his chair and into a wall. (p.239 – grifos nossos)

Percebemos que imediatamente na continuidade do texto, os leitores são levados do avião para dentro da torre. O pronome “*he*” até o momento de apertar os cintos refere-se a Hammad; depois, a Keith. Além disso, há objetos caindo “da prateleira da copa” em um e também no outro lugar. A sequência é muito instigante, pois une, de modo definitivo, as vidas de Hammad e Keith. Eles nunca se conheceram, mas o encontro descrito no trecho revela a violência desse instante, em que um vai encontrar a morte pelo martírio, e o outro, embora tenha sobrevivido, martiriza-se e por não ter conseguido salvar seu amigo Rumsey.

O capítulo apresenta situações horríveis que Keith teve de enfrentar dentro da torre, sem saber ao certo o que estava acontecendo:

He went down the hall, putting on the jacket. There were people moving toward the exits, in the other direction, moving, coughing, helping others. They stepped over debris, faces showing stark urgency.

The stink was fuel and he recognized it now, oozing down from floors above.

Something came down and there was a noise and then the glass shattered and broke and then the wall gave way behind him. (p.241-2)

Keith vê o falecimento de Rumsey. Keith consegue sair do prédio e está cercado por todo aquele cenário do início do romance. Ele começa a andar e observa uma camisa caindo “*arms waving like nothing in this life*” (p.246). Era uma pessoa em queda suicida, um *Falling Man*.

Ora, se a narrativa termina exatamente onde começa, podemos concluir que o potencial do terror ainda está presente e uma tragédia pode se repetir. A qualquer instante, sem prévio aviso, tudo pode começar outra vez. O historiador Eric Hobsbawm (2007, p.151), ao

tratar do terrorismo, afirma que, “A fase atual do terrorismo internacional é mais séria do que no passado pela possibilidade de massacres deliberadamente indiscriminados, mas não pela sua ação política ou estratégica”.

O terrorismo sempre foi uma ameaça presente, tanto é que Don DeLillo trata desse assunto há anos em seus textos, conforme mencionado anteriormente. Os ataques poderiam ter sido evitados? Houve falha da inteligência? Houve falha do governo?

Gore Vidal (2003, p.25) aponta ainda que o governo do então presidente George W. Bush havia sido alertado sobre a possibilidade de atuação de “visitantes hostis” nos céus dos Estados Unidos em “algum momento do mês de setembro de 2001”. Porém, nenhuma medida foi tomada para interromper o avanço dos planos e impedir a real ação dos terroristas. E, assim, Vidal mostra que, no pensamento do então presidente George W. Bush, os americanos iriam combater os terroristas “Porque nós somos bons, eles são maus” (ibidem, p.170). Esse discurso maniqueísta sempre predominou nas falas do ex-presidente Bush.

Não será, porém, a atitude de grupos terroristas que impedirá o avanço da sociedade americana. A prosperidade dos Estados Unidos, segundo Fareed Zakaria (2008, p.273), reside no fato de o país ter se mantido “aberto ao mundo — aos bens e serviços, às idéias e invenções e, sobretudo, às pessoas e culturas”. Essa abertura permitiu a construção de uma sociedade plural, com a presença de imigrantes de várias partes do mundo.

Para Francis Fukuyama (2006, p.138), “Os Estados Unidos deveriam promover o desenvolvimento dos países pobres como um objetivo em si e como um complemento aos seus esforços para promover a democracia, uma vez que esta é muito mais fácil de consolidar quando existe também o crescimento econômico” e, assim, os Estados não ficariam tão vulneráveis à ação de terroristas.

Agora, cabe-nos aguardar a política externa da administração do presidente Barack Obama.

O jornalista Elio Gaspari (2009), em um artigo no jornal *Folha de S.Paulo*, escreveu em 11 de fevereiro de 2009, o seguinte comen-

tário a respeito de uma entrevista coletiva dada por Obama em 9 de fevereiro:

Um bom exemplo da consistência entre o candidato e o presidente esteve na resposta que o companheiro deu à pergunta relacionada com o Irã. Pela primeira vez em 30 anos um presidente americano pronunciou 330 palavras tratando da tirania dos aiatolás sem insultá-los e sem estabelecer precondições imperiais.

O 11 de setembro deixou lições árduas a respeito do poder do terror. Esperemos que haja novas perspectivas para o desenrolar das guerras e que a diplomacia seja a primeira opção e não a força armada.

Referências bibliográficas

- DELILLO, D. *Falling Man*. New York: Scribner, 2007.
- FUKUYAMA, F. *O dilema americano: Democracia, poder e o legado do neoconservadorismo*. Trad. Nivaldo Montigelli Jr. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- GASPARI, E. O companheiro Obama faz a 1ª cesta. *Folha de S.Paulo*, 11. fev. 2009, p.A11.
- HAUERWAS, S.; LENTRICCHIA, F. (Ed.) *Dissent from the Homeland: Essays after September 11*. Durham: Duke University Press, 2003.
- HOBBSAWM, E. *Globalização, democracia e terrorismo*. Trad. José Viegas. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- HUTCHEON, L. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988.
- _____. *The Politics of Postmodernism*. London; New York: Routledge, 1993.
- ROSENFELD, D. L.; MATTÉI, J. F. (Ed.) *O terror*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- SILVA, C. E. L. (Org.) *Uma nação com alma de igreja: religiosidade e políticas públicas nos Estados Unidos*. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- VIDAL, G. *Sonhando a guerra: sangue por Petróleo e a Junta Cheney-Bush*. Trad. Ricardo Silveira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

YÚDICE, G. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global.*

Trad. Marie-Anne Kremer. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

ZAKARIA, F. *O mundo pós-americano.* Trad. Pedro Maia. São Paulo:

Cia. das Letras, 2008.

FOTOGRAFIA

<[http://www.esquire.com/features/ESQ0903-
SEP_FALLINGMAN](http://www.esquire.com/features/ESQ0903-SEP_FALLINGMAN)>